

01-10-2020

ESTÁ COM TUDO E NÃO ESTÁ PROSA

Chiwan Medeiros Leite

[Bacharel em Comunicação Social]

Quando eu estudava inglês e francês no ensino médio o que eu mais adorava eram as expressões idiomáticas.

Ambas as línguas são pródigas nessas firulas linguísticas. Depois descobri que outras línguas também o são. Ouvi dizer que os esquimós usam uma ou duas palavras pra descrever a origem do universo e a conjuntura atual neoliberal. Japoneses, alemães, egípcios e senegaleses, sabe-se lá. Diferente do provérbio, a expressão idiomática e sua derivação simplificada - a gíria - é a revolta das palavras pela pompa do músculo lingual. É sempre bom lembrar que a língua é um músculo: músculo puro. Falar difícil é um esporte das elites. A academia de ginástica da língua é o ensino superior das e para as elites. Que, diga-se de passagem, formam p'ra falar difícil, mas não ensinam a escrever.

Se quiserem comprovar é só pegarem, aleatoriamente, uma petição de advogados de uma página e contem os erros de português. Juízes erram um pouco menos, talvez porque acertam mais nas sentenças a favor dos poderosos de sempre. Mas não é só nessa seara que a pompa lingual sobressai. Nas ciências é igualzinho.

Tentem ler. Na medicina, então! A começar pelas receitas escritas a mão. Agora, escritas pelo computador os erros diminuiram. Mas, por via das dúvidas, vá ler um Laudo Médico de uma página feita a mão. Melhor seriam as expressões idiomáticas se elas fossem usadas em sentenças judiciais para que fossem mais justas e em receitas médicas para que fossem mais resolutivas. Os provérbios também seriam bem-vindos nesses parangolés linguísticos, mas de provérbios trataremos oportunamente. Estou, no momento, atravessado pelas expressões idiomáticas. As gírias, claro, também terão a sua hora. Vivo feliz dessas aventuras semânticas que eu chamaria de romantismo lingual. Primeiro, vamos tentar diferenciar esses malabarismos musculares da boca linguada. Provérbio é transcendental. É uma expressão, geralmente originada da cultura popular, cuja pretensa sabedoria, exemplo, ensinamento ou conselho ultrapassa a sua época. Costuma valer a qualquer tempo por retratar situações habituais das relações sociais nas diversas sociedades humanas ao longo do tempo. O provérbio que diz *“Deus ajuda a quem cedo madruga.”* poderia ser usado desde o início dos tempos em qualquer sociedade humana.

Exceções as há, mas aqui tratamos das expressões idiomáticas. Estas são mais retrato de época, como as gírias. Com as inforredes monossilábicas, as gírias predominam, mas as *idiomatizes*, como gosto de chamar as expressões idiomáticas, não perderam totalmente sua serventia e rebeldia muscular da língua.

Mas, é importante distinguir de antemão que a *idiomatiz* geralmente não tem o caráter de ensino, exemplo ou aconselhamento do provérbio. A *idiomatiz* expressa uma opinião sobre uma pessoa, um fato, uma conjuntura ou qualquer situação que envolva as relações humanas em sociedade, num dado contexto histórico e geográfico.

A *idiomatiz* é sempre sintética e quase sempre sarcástica, irônica ou engraçada. Às vezes mordaz, muitas vezes ela ridiculariza. Pode ridicularizar outros ou nós mesmos.

Quando dizemos que o caso Queiroz *“vai acabar em pizza”*, todos os brasileiros sabem que isso é verdade, sabem as razões e pouco podem fazer para mudar a realidade. Essa é uma boa demonstração da *idiomatiz*.

Ela é peculiar ao Brasil, todos sabemos as razões, ela é mordaz e os ridicularizados somos todos nós, brasileiros, que acreditamos que vai mesmo *“acabar em pizza.”*

A *idiomatiz* se aplica às mais variadas questões, do colega sempre vestido de forma simples que aparece de paletó e gravata e ouve a pergunta mortífera: *“IH! Vai fazer exame de fezes?”* à *“barata tonta”* dos nossos governantes na pandemia do Covid-19. É lamentável que não haja músculos no cérebro. Deus não deve ter previsto a Era das Academias de Ginástica. Não há academia que marombe o cérebro dos energúmenos, cuja vocação é viver para ganhar musculaturas em outras paragens do corpo e escolher mal seus governantes, mas como Deus tem lá suas perfeições colocou inteligência no músculo da língua que bem aplica as *idiomatizes* certas nas horas certas para um país incerto. Nesses tempos em que os brasileiros que defendem os direitos humanos estão de *“bola murcha”* e estão intimidados p'ra *“botar a boca no trombone”*, sem poder *“botar para quebrar”*, até por causa da pandemia, assistindo governantes *“cara de pau”*, *“com a corda toda”*, *“deixando o país na mão”*, vamos *“entrando pelo cano”*, vendo as políticas públicas e econômicas *“feitas nas coxas”* mandando o país *“ir para o espaço”*. Expressões idiomáticas somente não darão conta. Logo apelaremos para os provérbios e as gírias, até chegarmos ao grunhido dos homens e mulheres das cavernas. Aliás, é só por esse detalhe que ministros do meio ambiente, educação, saúde, direitos humanos, relações exteriores, economia e secretários de cultura *“estão com tudo e (ainda) não estão prosas”*: é porque, por enquanto, só voltamos à Idade Média.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.